

ECONOMIA CEARENSE: RECUO DA INDÚSTRIA E PROJEÇÃO
DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS

Autor

JOSÉ ÁTILA ABREU DE SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Email: atilasousa@alu.ufc.br

Tel.: 85 9 81499162

Área 3 – História e Geografia Econômica

Subárea: Economia Regional e Urbana; Planejamento Territorial e Dinâmica da
Produção do Espaço.

ECONOMIA CEARENSE: RECUO DA INDÚSTRIA E PROJEÇÃO DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS

Resumo: O texto discute a transformação da economia urbana no Ceará, enfatizando a transição da indústria para o setor de serviços. Esta mudança reflete a passagem do modelo fordista-keynesiano para a acumulação flexível, que promove a diversidade no consumo e modifica a paisagem urbana. O setor terciário, que inclui atividades como comércio e serviços, é vital para a economia moderna, intermediando o consumo e atendendo às necessidades sociais. A pesquisa revela que, entre 1996 e 2019, a indústria cearense, especialmente a têxtil, enfrentou uma significativa retração, com a perda de participação no valor agregado e no número de empresas. O estudo destaca que, enquanto a indústria têxtil sofreu com a concorrência e a redução na produção, o setor de serviços apresentou recuperação mais rápida. Dados do RAIS e do IPECE mostram que o número de indústrias têxteis em Fortaleza diminuiu ao longo dos anos, evidenciando a predominância do setor terciário na economia. A pesquisa utiliza uma abordagem exploratória, coletando informações de diversas fontes para traçar o panorama econômico do Ceará, evidenciando a importância do comércio e dos serviços no contexto atual.

Palavras-chave: Economia urbana, Setores da economia, Ceará, Setor terciário

Abstract: The text discusses the transformation of the urban economy in Ceará, emphasizing the shift from industry to the service sector. This change reflects the transition from the Fordist-Keynesian model to flexible accumulation, which promotes diversity in consumption and alters the urban landscape. The tertiary sector, which includes activities like commerce and services, is vital for the modern economy, mediating consumption and addressing social needs. The research reveals that between 1996 and 2019, the Ceará industry, especially textiles, faced significant decline, losing participation in value added and the number of companies. The study highlights that while the textile industry struggled with competition and reduced production, the service sector showed a quicker recovery. Data from RAIS and IPECE indicate a decrease in the number of textile industries in Fortaleza over the years, underscoring the predominance of the tertiary sector in the economy. The research employs an exploratory approach, gathering information from various sources to outline the economic landscape of Ceará, highlighting the importance of commerce and services in the current context.

Key Words: Urban economy, Economic sectors, Ceará, Tertiary sector

INTRODUÇÃO

Na base da construção da forma urbana pós-moderna encontram-se também profundas alterações da economia. Neste domínio, entre outros aspectos, assume particular importância a transição da base econômica da indústria para os serviços e as mudanças no modo de organização inerentes à passagem do modelo fordista-keynesiano para o de acumulação flexível (BARATA SALGUEIRO; CACHINHO, 2002). Conforme Harvey (2005), apoiada na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo, a acumulação flexível permite que o consumo se liberte dos grilhões da padronização rígida e da estabilidade e celebre a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadorização das formas culturais. Isso se reflete diretamente na paisagem urbana, mais que não seja pela diversidade de espaços comerciais,

residenciais, financeiros, de escritórios, que de uma forma ou de outra alimentam a cultura do consumo (BARATA SALGUEIRO, 2002). Tendo em vista isso, estabelece-se um levantamento dos indicadores da economia em escalas diferentes de modo a identificar essa lógica do recuo da indústria e crescimento das atividades de comércio e serviços no Estado do Ceará.

De antemão, é preciso entender que comércio e serviços compõem uma classificação maior dentro das atividades econômicas. Estamos falando do setor terciário. Também conhecido como setor de serviços, compreende as atividades econômicas que envolvem a prestação de serviços em vez da produção de bens tangíveis. Esse setor inclui áreas como comércio, transporte, educação, saúde, turismo, finanças, e administração pública, desempenhando um papel fundamental na economia moderna e na geração de empregos. Segundo Moreira (2011), o setor terciário é “responsável por intermediar o consumo e suprir as necessidades da população, promovendo o desenvolvimento de infraestruturas que facilitam o bem-estar social”.

A noção de atividade terciária é uma herança direta da divisão tripartite da economia, proposta por Colin Clark (1957), quando apresentou a existência de três setores da economia – primário, secundário e terciário e os delimitou formalmente (SANTOS, 2004a, p.200).

Consoante a Silva (2005, p. 66) essa delimitação formal do setor terciário define como atividades próprias desse setor o comércio e os serviços, não incluindo outras atividades que se situavam na fronteira entre o setor secundário e o próprio setor terciário, como o faz Milton Santos na sua abordagem do circuito inferior nos países subdesenvolvidos.

A expansão do setor terciário reflete mudanças estruturais nas economias, especialmente em países desenvolvidos e em desenvolvimento, onde a terciarização das atividades econômicas substituiu, em grande parte, a produção industrial. Para Castells (1999), o setor de serviços é parte essencial da “economia da informação”, onde o conhecimento e a tecnologia orientam a criação de valor. Essa visão é corroborada por Harvey (2006), que aponta que “o setor terciário evolui para responder à complexidade das relações econômicas modernas, em que o capital e o trabalho assumem formas imateriais”.

Conforme Santos (2000), o setor terciário ganha relevância ao conectar as dinâmicas locais às globais. “A informação hoje é fundamental e dela dependem as atividades econômicas e sociais em todas as partes do mundo. A informação é o coração da economia global” (Santos, 2000, p. 31). Esse pensamento destaca a importância do setor terciário no contexto da globalização, onde a circulação de serviços e informações configura uma nova geografia econômica. Justificando-se, portanto, a relevância do presente artigo, o qual visa elucidar a representatividade dos setores da economia do Ceará, evidenciando também o recuo da indústria e a projeção do comércio e serviços.

Para este feito, a pesquisa se utiliza como metodologia basilar de caráter exploratório conforme orienta Gil (2008) ao discorrer sobre esse modelo de pesquisa, “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 2008:27). Diante disso, as etapas utilizadas foram: a pesquisa bibliográfica e documental, o levantamento de dados obtidos em plataformas e órgãos de pesquisa como, RAIS (Relação Anual de Informações Sociais.), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e indispensavelmente, o IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará). Ademais, os levantamentos de dados secundários também foram feitos em órgãos como as Secretarias Municipais de Fortaleza, sites das Prefeituras municipais, site da Secretaria de Planejamento e Gestão (Seplag) do Governo do Estado do Ceará e em instrumentos como a PAS (Pesquisa Anual dos Serviços), a PMS (Pesquisa Mensal de Serviços), a PMC (Pesquisa Mensal do Comércio), a PIM (Pesquisa Mensal da Indústria) e a PIA (Pesquisa Industrial Anual), assim como em relatórios trimestrais da economia cearense, por exemplo, o relatório “PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda” e “Os indicadores Econômicos do Ceará,” dentre outros.

No tocante a bibliografias consultadas, alguns autores foram cruciais para a compreensão dos temas norteadores desse estudo, dentre eles, Santos (2008, 2011, 2013), Bezerra (2018), Muniz; Silva; Costa e Cabral (2020), Silveira (2011, 2015), Muniz; Queiroz; Santos e Silva (2022), Muniz, Neto e Sousa (2022), Dantas (1995, 2012, 2021, 2020), Dantas e Tavares (2013), Muniz; Souza e Abreu (2020) Dantas e Silva (2009), Muniz (2022) e outros. Para o estudo dos setores da economia e do setor terciário em específico foram vistos: Machado (2005), Nascimento (2007), Barata-Salgueiro (1998, 2002), Brum (1998), Villaça (2001), Silva (2005), Dedecca (2005), Castilho (1998), Pochmann (2007), Soares (2015) dentre outros. Em maior ou menor grau essas leituras

foram fundamentais para o estudo que originou o presente artigo, aliadas ao robusto levantamento quantitativo, foram imprescindíveis para as análises e reflexões a partir das métricas obtidas e averiguadas.

O recuo da indústria nos indicadores econômicos do Ceará

Para entendermos melhor a conformação da tendência de alteração entre a representatividade dos setores da economia do Ceará, faremos a priori uma discussão a partir de dados secundários coletados em variadas fontes. Dito isso, serão analisadas as informações da Análise da Desconcentração Espacial e Setorial da Indústria de Transformação Cearense no Período de 1996 a 2019, estudo realizado pelo IPECE, publicado em 2021, com utilização de instrumentos de análise do IBGE, tais como a PIA (Pesquisa Industrial Anual) e PIM-PF (Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física). Nessas primeiras explorações, observaremos as variações de importantes indicadores utilizados pelo IPECE, tais como: Número de Pessoas Ocupadas no setor industrial, Valor Agregado da Indústria e Número de Empresas Industriais no Ceará.

Analisando a tabela abaixo no recorte temporal apresentado pelo IPECE, conclui-se que o ramo da indústria têxtil, por exemplo, na composição setorial pelo Valor Agregado, perdeu, de forma significativa, sua participação no valor agregado da Indústria de Transformação cearense, passando a representar, em 2019, cerca de 30% do valor registrado em 1996.

Tabela 1: Composição Setorial, pelo Valor Agregado, da Indústria Cearense em Anos Seleccionados (R\$1.000.000 de dez/2019)

Setor	1996	2000	2010	2019	1996	2000	2010	2019
Alimentos	3.671	3.659	2.633	3.679	29,8	25,8	14,8	19,1
Couro e Calçados	1.376	2.114	4.168	3.434	11,2	14,9	23,4	17,8
Metalurgia	115	200	627	1.969	0,9	1,4	3,5	10,2
Confecções	996	860	1.795	1.787	8,1	6,1	10,1	9,3
Bebidas	-	-	1.715	1.131	-	-	9,6	5,9
Têxteis	2.730	3.273	1.198	839	22,2	23,1	6,7	4,4
Demais Setores	6.149	7.339	6.882	7.275	50,0	51,8	38,6	37,7
Valor Transformação	12.307	14.173	17.821	19.275	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PIA-IBGE, elaboração própria.

OBS.: Em 1996 e 2000 o setor de alimentos inclui o de bebidas.

No destaque, vemos que ramos da indústria como o de Couro e Calçados, mais do que dobraram a participação entre os anos de 1996 e 2010, porém apresentando retração em 2019. O setor de Confecções, por sua vez, apresentou uma significativa oscilação em sua participação no valor agregado da indústria de transformação, sem, contudo, registrar perdas ou ganhos de participação significativos. A pesquisa acrescenta que:

É interessante observar que esse setor (confeccões), como se verifica em 1996 e 2000, já esteve entre os mais importantes no Ceará. Fatores como a redução da produção de algodão no Ceará, concorrência com produtos importados e/ou produzidos em outros estados são possíveis fatores que explicam essa redução (PONTES, 2021, p. 05).

Avaliando-se pelo número de empresas dos seguimentos mostrados acima no mesmo recorte temporal, o setor de confeccões apresenta comportamento distinto do metalúrgico, posto que, em 2019, foram adicionadas mais de 800 unidades produtivas, comparativamente à 1996, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 3: Composição Setorial, pelo Número de Empresas, da Industria Cearense em Anos Selecionados

Setor	1996	2000	2010	2019	1996	2000	2010	2019
Alimentos	535	655	731	958	22,9	21,9	14,4	17,7
Couro e Calçados	71	134	300	220	3,0	4,5	5,9	4,1
Metalurgia	15	21	48	40	0,6	0,7	0,9	0,7
Confeccões	587	797	1.698	1.397	25,1	26,7	33,4	25,9
Bebidas	-	-	68	161	-	-	1,3	3,0
Têxteis	105	155	162	145	4,5	5,2	3,2	2,7
Demais Setores	1.026	1.226	2.081	2.478	43,9	41,0	40,9	45,9
Empresas	2.339	2.988	5.088	5.399	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PIA-IBGE, elaboração própria.

OBS.: Em 1996 e 2000 o setor de alimentos inclui o de bebidas.

Conforme a observação das tabelas e as análises dos dados, conclui-se que o ramo da industrial que mais registrou recuos foi o Têxtil, apresentando reduções significativas tanto no valor agregado por empresa como no valor agregado por pessoa ocupada, sendo a primeira de maior expressão, dado que, em 1996, o valor médio por empresa era de R\$ 25.997 mil e, em 2019, era de R\$ 5.783 mil. Ou seja, redução de quase 80% (PONTES, 2021, p. 7). Além disso, a pesquisa também identificou reduções em outros segmentos da indústria.

Nas análises de Muniz (2014) à base de dados RAIS no intervalo de 2002 a 2012, constatou-se, por exemplo, que quase todas as indústrias têxteis no estado estavam concentradas na RMF, sendo que em 2012, de um total de 3 612 unidades fabris no estado, 3 161 se encontravam na RMF. Em atualização desses dados no ano de 2021, foi verificado um comportamento diferente do setor, o que pode indicar retração no crescimento desse ramo industrial. Muniz (2014) afirmou, a partir da análise de dados do IPECE (2014), que, no estado do Ceará, “a atividade de transformação foi a mais representativa, com 46,8%”, novamente vemos a força da indústria em anos passados.

Entretanto, o levantamento IPECE - Conjuntura do 3º trimestre de 2022, apontou que, “entre os meses de julho e setembro de 2022, a produção física da Indústria de Transformação no Ceará registrou uma redução de -2,0% na comparação com iguais meses de 2021”. A Pesquisa Industrial Mensal (PIM - IBGE) também confirma essa queda, apontando setores como o de Confecção de Artigos de Vestuário (-33,1%), Fabricação de Máquinas e Aparelhos Elétricos (-25,5%) e a Fabricação de Alimentos, com queda acumulada de (-7,6%) como sendo as maiores contribuições negativas para o setor industrial do Ceará em 2022.

Em relação ao desempenho da Indústria Têxtil, segundo dados do levantamento do caderno setorial ETENE do Banco do Nordeste elaborado por Junior (2022), para o período de novembro de 2022, foi detectado que as indústrias têxteis do Brasil, Nordeste em especial as do Ceará e Pernambuco já estavam em recessão em maio de 2019, conseguindo se recuperar em abril/2021, com exceção de Pernambuco, que se recuperou em outubro/2020. Porém, com o impacto da crise da pandemia de Covid-19, a partir de março/2020, observou-se uma piora do quadro de recessão da indústria têxtil, sendo que o Estado do Ceará foi o mais afetado, com queda de 29,4% de sua produção em junho/2020.

Essa dinâmica possibilita buscar compreender as causas das consecutivas quedas da indústria, verificadas na pesquisa de dados e explicadas pela relação global-local, como Santos (1997) coloca, é “pelo lugar que o mundo é revisto e o homem ajusta a sua interpretação, é nele que o permanente e o real triunfam sobre o movimento, o passageiro e o que é imposto de fora”, admitindo-se que, “são diversas as conexões que podem ser realizadas entre as escalas global e local” (ROCHA & MONASTIRSKY, 2008), logicamente, sempre considerando a questão da escala geográfica, “pois essa problemática inclui a relação e a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno” (CASTRO, 2010).

Portanto, são situações e acontecimentos tanto intra-Ceará como também globais que imprimem às condições que conduziram os resultados da indústria, elemento aqui analisado, a registrar os recuos que ora sistematizamos. Essa compreensão é *conditio sine qua non* para essa análise, uma vez que não podemos compreender um fenômeno sem avaliar todas as dinâmicas oriundas ou amplificadas pelas diferentes situações e escalas, as quais podem influenciá-lo, pois, "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão

global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (Santos, 1996:273), logo, cedendo e recebendo influxos, sejam eles positivos e negativos.

Embora seja verdade que a produção industrial têxtil tenha sido abalada com o advento da pandemia, da guerra e de outros fatores, assim como os demais setores da sociedade, o intuito aqui não é desmerecê-la ou denotar insignificância dela para economia cearense, até porque, tal intento seria falho, uma vez que, ainda segundo Junior (2022):

O valor bruto da produção de têxteis do Brasil alcançou quase de R\$50 bilhões em 2020, mesmo em queda de produção devido à pandemia de Covid-19, de acordo com a Pesquisa Industrial Anual (PIA-IBGE, 2020). Para o Nordeste, este valor superou R\$ 7,7 bilhões, equivalente a 15,5% do total do Brasil, acima da participação percentual do PIB da Região relativamente ao Brasil. Bahia, o maior produtor da Região, Ceará, Paraíba e Pernambuco concentram 12,7% e 82,2% do valor da produção do Brasil e da Região, respectivamente.

Ao evidenciar retrações e quedas na indústria geral e têxtil, é somente apontar alguns dos possíveis fatores que corroboram para o destaque do setor de Serviços e do Comércio, também afetados pelos mesmo fenômenos que desaceleram a indústria, porém, como será visto, alcançando recuperação mais rápida, fato impulsionado, para além de outras motivações e agentes, pela abertura na importância econômica para esses setores, impulsionada, em partes, pela desaceleração da produção industrial geral e têxtil e a consequente diminuição de sua participação na economia do estado, da região e do País.

Como forma de comprovação das afirmações do parágrafo anterior, realizou-se atualização dos dados mencionados, a fim de observar as variações ocorridas nos setores investigados. Para tanto, foram coletados e analisados dados de indicadores socioeconômicos constantes em plataformas como o RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), o Levantamentos de Dados Econômicos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do IPECE (Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará), por meio de instrumentos como o PAS (Pesquisa Anual dos Serviços), a PMS (Pesquisa Mensal de Serviços), a PMC (Pesquisa Mensal do Comércio), a PIM (Pesquisa Mensal da Indústria) e a PIA (Pesquisa Industrial Anual). Ademais, foram coletadas informações do estudo: "PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda – 2019 (dezembro/2021), construído com base nos relatórios da Diretoria de Estudos

Econômicos (Diec - IPECE) e da Secretaria de Planejamento e Gestão (Seplag) do Governo do Estado do Ceará, levantamentos trazidos nos parágrafos subsequentes.

Consoante aos dados do RAIS, no intervalo de 2010 a 2019, ao afunilar-se as análises para o recorte espacial de Fortaleza e Região Metropolitana, é comprovada a afirmativa de diminuição da presença da indústria, sobretudo a têxtil, na Capital e em sua RM. Em 2010, por exemplo, somando Fortaleza e alguns municípios de sua RM, os mais expressivos em número de industriais do ramo, (Maracanaú, Itaitinga, Maranguape, Pacajus, Eusébio, Aquiraz, Caucaia e Horizonte) eles contavam com 242 indústrias têxteis, já em 2019, considerando os mesmos locais, observou-se que esse número caiu para 166. No ano de 2021, levantamento mais recente disponível, os dados do RAIS apontam que o número de indústrias têxteis em Fortaleza e nos municípios mencionados não obteve crescimento expressivo, sendo de 172 estabelecimentos de produção têxtil, tomando como base os mesmos municípios supramencionados, ou seja, um aumento de aproximadamente 1,04%, apenas. Expandindo a visão para além de Fortaleza e sua RM, Jaguaruana, localizada na microrregião do Baixo Jaguaribe, se destacou, obtendo aumento em sua malha industrial, embora que não seja um aumento considerado muito expressivo:

Para além da concentração industrial têxtil no Estado do Ceará com destaque para Região metropolitana temos a participação de Jaguaruana que apresentou crescimento industrial na última década passando de (21) para (23) indústrias têxteis; Já Juazeiro do Norte de (2) para (5) estabelecimentos industriais têxteis (MUNIZ; NETO; SOUSA, 2022, p. 14).

Em relação ao número de indústrias de confecção e de artigos correlatos também observamos uma queda, entretanto os números absolutos ainda são maiores que os da indústria têxtil. Em 2010, conforme levantamento no RAIS, o número de estabelecimentos desse segmento, somando Fortaleza (2.342), Maracanaú (121), Caucaia (75) e Maranguape (55), chegava a um total de 2.593 estabelecimentos. Em 2019, Fortaleza sofreu queda no seu quantitativo, ficando com somente 1.641 unidades. Em destaque, após a capital, vem Maracanaú, embora que em cenário de queda, apresentou em 2019 um total de 81 indústrias de confecção. Caucaia, naquele ano, ficou em terceiro lugar com crescimento no número de indústrias desse ramo, apresentando 80 unidades fabris.

Em 2020, conforme o RAIS, Fortaleza tinha 1593 fábricas de confecção, Caucaia aparecia com 81, Maracanaú com 70, e Maranguape com 60, um total de 1804 unidades. No levantamento mais recente, realizado na mencionada base de dados, encontramos que em 2021 Fortaleza tinha 1581 estabelecimentos de produção confeccionista, um quantitativo que, embora em processo de redução, ainda coaduna com o que afirma Santos (2014) ao dizer que “está indústria está presente em todas as regionais enfatizando a sua espacialização em todo o tecido urbano da capital”. Prova disso é que os municípios que se destacam após Fortaleza, são: Caucaia com 83 unidades, em terceiro lugar Maracanaú com 77 e em quarto lugar, Maranguape com 57 estabelecimentos, um total de 1798 fábricas, novamente vemos registros de queda, de 2019 para 2020 redução de 58 unidades fabris, de 2020 para 2021 recuo de 12 fábricas.

Também foram observadas as variações no ramo fabril têxtil, no ano de 2020, Fortaleza tinha (238) fábricas, Maracanaú tinha (44), Eusébio e Horizonte ambos tinham (16) unidades, Itaitinga e Maranguape cada um com (4) fábricas. Pacajus com (2) e por fim Aquiraz e Caucaia cada qual com (8) unidades fabris. Fortaleza e as citadas localidades de maior expressão em número de fábricas têxteis somavam juntas 340 indústrias. Em 2021, Fortaleza apresentou (119) estabelecimentos e como destaque os municípios de Maracanaú com (24) fábricas, Horizonte com (9), Eusébio com (8), Itaitinga (2), Maranguape (2), Pacajus (1), Aquiraz (4) e Caucaia (3), juntos totalizando (172) fábricas. Portanto, o quantitativo oscilou positivamente de 2019 para 2020 com aumento de 174 fábricas, porém, em 2021 experimentou uma queda de (-168) unidades de produção têxtil.

Em suma, torna - se notório, através de todos os dados analisados, o processo de recuo da indústria, o qual se pretendia evidenciar, tanto a nível estadual, como também na capital e na RMF. Todavia, mesmo nesse cenário descrito, o papel de Fortaleza e RMF é ainda de destaque, tanto no ramo têxtil quanto no de confecção.

A projeção do terciário com o destaque para o comércio e os serviços.

De acordo com os dados da pesquisa “PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda – 2019 (dezembro/2021)”, os três setores que compõem o PIB do estado são: Agropecuária, Serviços e Indústria. A mencionada pesquisa também avalia as contribuições desses setores a nível de Brasil, ultrapassando um pouco os recortes principais desta pesquisa, temos que:

No Brasil, a participação da atividade de Serviços aumentou de 67,22%, em 2002, para 73,31 % em 2019, enquanto as outras atividades apresentaram perda. A Agropecuária passou de 6,42%, em 2002, para 4,89%, em 2019, e a Indústria de 26,37% para 21,80 %, para o mesmo período de análise (DIEC-IPECE 2021).

Ainda segundo a Diretoria de Estudos Econômicos DIEC-IPECE, o estado do Ceará também registrou comportamento semelhante ao do Brasil, onde houve um ganho de participação no setor de Serviços, indo de 69,82%, em 2002, para 77,80%, em 2019, contrastando com quedas de 7,53% para 5,14% na Agropecuária, e de 22,65% para 17,05% na Indústria, no mesmo período. A pesquisa acrescenta que a Agropecuária cearense, em 2019, apresentou um crescimento de 9,79%, na mesma direção, os Serviços cresceram 1,47% e a Indústria geral avançou 1,70%, na comparação com o ano anterior.

No setor de Serviços, o crescimento é explicado pelas Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas, Administrativas e Serviços Complementares e pela Atividade de Alojamento e Alimentação. Já na indústria, o segmento da Eletricidade, gás, água e esgoto foi o principal responsável pelo desempenho positivo do setor (DIEC-IPECE, 2021). Desse modo, a composição estrutural da economia cearense no ano de 2021 ficou a seguinte: Serviços (77,80%), Indústria geral (17,05%) e Agropecuária (5,14%). O levantamento, “Indicadores Econômicos do Ceará 2021” do IPECE-IBGE reforça:

O crescimento de 1,4% da economia brasileira em 2019 foi reflexo do desempenho de seus três setores: i) agropecuária (0,6%), em função de um desempenho positivo tanto das atividades agrícolas como das de pecuária, sendo que as atividades agrícolas foram beneficiadas por boas condições climáticas que melhoraram a produção tanto das lavouras temporárias como das permanentes, com destaque para as lavouras de milho (23,6%), algodão (39,8%), laranja (5,6%) e feijão (2,6%). Já a pecuária teve uma influência positiva pelo aumento da demanda por produtos de origem animal pelo mercado da China; ii) indústria (0,4%), com destaque para as atividades de Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (1,7%) e da construção civil (1,5%); iii) serviços (1,7%), com destaque para as seguintes atividades: Informação e comunicação (5,2%), Atividades imobiliárias avançou (2,2%), Comércio (1,9%), Outras atividades de serviços (2,6%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (1,3%) e Transporte, armazenagem e correio (0,8%), mostrando variação positiva (IPECE-IBGE, 2021, p. 39).

Novamente verificamos o destaque dos números referentes aos Serviços à nível nacional, crescendo 1,7% em comparação com a indústria nacional que cresceu 0,4%. A nível de Ceará, o IPECE destaca: os serviços que apresentam a maior quantidade de empresas são os serviços prestados às famílias e os serviços prestados às empresas. Tomados conjuntamente, esses dois segmentos no ano de 2018 apresentaram 70% das empresas que compõem a PAS; no ano de 2019 houve somente uma leve queda de 1% nesse total (IPECE-IBGE, 2021, p. 43).

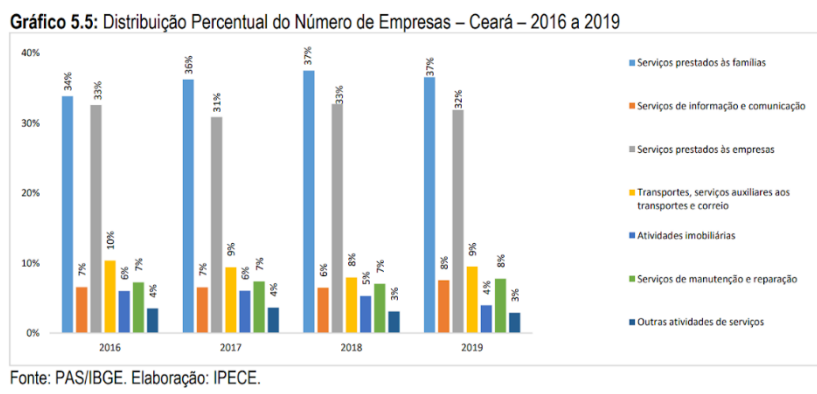
Na série histórica de 2016 a 2019 realizada pelo estudo “Indicadores Econômicos do Ceará 2021” sob a classificação de referência da PAS, a qual tem como base a Classificação Nacional de Atividades Econômicas 2.0 (CNAE 2.0), observou-se o comportamento dos sete agrupamentos que compõem a Pesquisa Anual dos Serviços (PAS) no estado do Ceará:

Serviços prestados às famílias; Serviços de informação e comunicação; Serviços profissionais, administrativos e complementares; Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio; Atividades imobiliárias; Serviços de manutenção e reparação e outras atividades de serviços (PAS - IPECE/IBGE, 2022, p. 21).

A pesquisa concluiu que, para o critério de Distribuição Percentual do Pessoal Ocupado – Ceará – 2016 a 2019, por exemplo, os maiores percentuais foram: serviços prestados às empresas, serviços prestados às famílias, informação e comunicação, transportes e outras atividades de serviços, ao lado de manutenção, reparação e atividades imobiliárias. Em relação aos serviços prestados às famílias, sua participação fica em torno de 23%, representando mais de 1/3 das empresas do Estado – participação de 37% em 2018 e 2019. No caso do segmento dos serviços de informação e comunicação, em 2019, cerca de 8% das pessoas ocupadas e das empresas existentes, eram desse segmento.

De fato, cerca de 23% das pessoas ocupadas estão nos serviços prestados às famílias, com 30% das empresas em toda a série histórica. No caso dos transportes sua participação em termos de pessoal ocupado gira em torno de 20%, valor bem próximo do que emprega os serviços prestados às famílias (IPECE-IBGE, 2021, p. 46).

Em relação à variável Distribuição Percentual do Número de Empresas – Ceará – 2016 a 2019, os serviços que apresentam a maior quantidade de empresas são os serviços prestados às famílias e os serviços prestados às empresas. Tomados conjuntamente, esses dois segmentos no ano de 2018 representaram 70% das empresas que compõem a PAS.



Como se observa no gráfico acima, o setor hegemônico cearense são os serviços prestados às famílias, tendo inclusive ganhado mais participação nos anos de 2018 e 2019, atingindo a marca dos 37%. O segmento de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio é o terceiro em participação no número de empresas, mas com apenas 9% para o ano de 2019, sobre isso, o IPECE (2021) afirma, “esse segmento apresenta alta participação de receita, mas baixa participação em termos de número de empresas na PAS do Estado do Ceará”.

Em levantamentos feitos nessas bases de dados para períodos mais recentes, temos que, consoante ao relatório da PAS - IPECE/IBGE do ano de 2022, no primeiro trimestre daquele ano, constatou-se que os serviços prestados às famílias cresceram impressionantes 50,6%. Aprofundando a análise, a pesquisa mostra que, o segmento de transportes cresceu 3,9% após vários trimestres de forte desempenho. Outro setor que tem se destacado são os serviços de Informação e Comunicação, segundo o levantamento, juntos formam um segmento com elevada participação na receita operacional líquida nacional (1/5), representando 8% das empresas que compõem os serviços da PAS.

Outra fonte de dados que foi consultada foi a “Série IPECE Conjuntura: boletim da Conjuntura Econômica Cearense (2022)”, na qual foi possível extrair dados que novamente confirmam o crescimento do setor de serviços e a diminuição da participação da indústria em indicadores de emprego, renda, PIB, dentre outros. Essa série concluiu,

por exemplo, que, no primeiro trimestre do ano, a Indústria de transformação no Ceará voltou a registrar resultado negativo para evolução da sua produção física. Entre os meses de janeiro a março de 2022, a redução na produção foi de -12,8% na comparação com o mesmo período de 2021.

Em contrapartida, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que o segmento cresceu 15,2% no primeiro trimestre do ano de 2022, representando a quarta alta seguida do setor quando se compara ao mesmo período do ano anterior. Ademais, no acumulado do primeiro trimestre de 2022, o setor de serviços foi novamente o que mais gerou empregos formais no mercado de trabalho cearense, pelo segundo ano consecutivo, gerando um total de 7.257 vagas, seguido pela indústria (+1.853 vagas). O estudo reforça ainda que em termos de contribuição com o PIB do Brasil, o setor de Serviços também alcançou destaque.

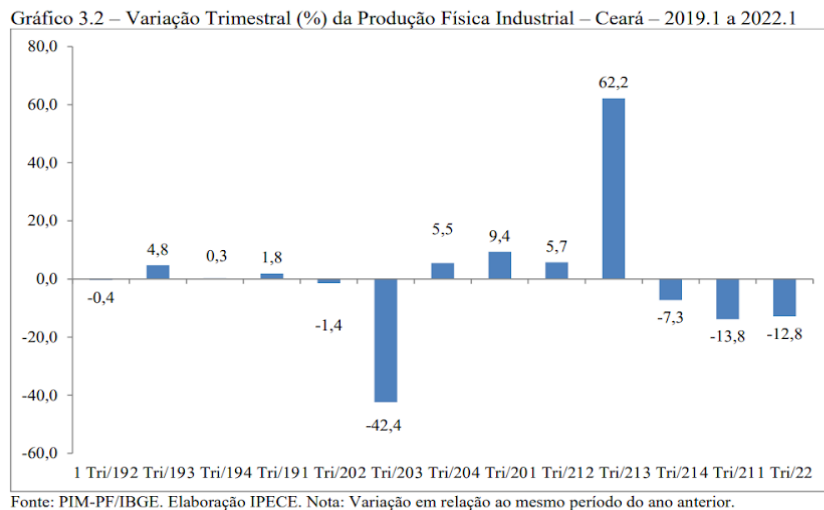
A Indústria, por sua vez, apresentou queda de -1,5%, onde a Indústria de Transformação (- 4,7%) registrou a maior queda. Referente ao bom desempenho do PIB brasileiro no recorte temporal observado, o estudo apresenta que, “na comparação do primeiro trimestre de 2021, em relação ao quarto trimestre de 2020, trabalhando se com as séries dessazonalizadas, o PIB do Brasil apresentou um crescimento de 1,0%”, explicada essa expansão econômica “pelo crescimento registrado nos Serviços (1,4%) e Indústria (0,1%) e pela queda na Agropecuária (-0,9%).

Trazendo para a esfera Estadual, o levantamento concluiu que em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do primeiro trimestre de 2022 com o mesmo período de 2021, os Serviços foi o único setor que registrou crescimento (4,45%), onde todas as suas atividades registraram expansões. Em direção oposta, a Agropecuária (-0,95%) e a Indústria (-8,64%) apresentaram retrações.

Ainda na esfera estadual, o estudo apresenta informações sobre os indicadores de desenvolvimento da indústria, a qual, como confirmam os dados, vem acumulando resultados negativos. “No primeiro trimestre do ano, a Indústria de transformação no Ceará registrou um novo resultado negativo para evolução da sua produção física, repetindo o desempenho dos trimestres anteriores” (IPECE-IBGE, 2022). No trimestre de janeiro a março de 2022, “a redução na produção foi de -12,8% na comparação com o mesmo período de 2021”. Os dados reiteram o alarmante declínio (nos termos observados) da indústria:

O resultado negativo do primeiro trimestre é mais uma vez expressivo e acentua a desaceleração da atividade industrial observada a partir do segundo semestre do ano passado. Como destacado anteriormente, o desempenho neste período, à exceção dos meses mais agudos da pandemia, posiciona-se como o de maior retração observada desde, pelo menos, o início de 2012 (IPECE-IBGE, 2022, p. 16).

O gráfico a seguir é disponibilizado no corpo do texto original da pesquisa IPECE-IBGE (2022), nele podemos observar melhor a trajetória da evolução da produção nos últimos anos. Nele é possível dimensionar o tamanho dos recuos vivenciados pela indústria cearense (produção física), observados nos últimos períodos. Os dados comentados constam da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, do IBGE (PIM-PF/IBGE). São utilizados os mesmos elementos que ajudaram a entender o desempenho dos trimestres anteriores na atual conjuntura, ou seja, combinam os efeitos diretos e indiretos da pandemia, conflitos armados em âmbito internacional e o ambiente macroeconômico no Brasil.



Neste sentido, o resultado atual é também afetado pela base de comparação relativamente mais elevada. O primeiro semestre de 2021 ainda se insere no período que caracteriza a retomada da atividade industrial no Ceará, que se iniciou no mês de julho de 2020 e se manteve a partir de então. Neste contexto, o efeito base continua atuante (IPECE-IBGE, 2022, p. 18). Soma-se a isso, os efeitos da retomada das atividades presenciais no setor de serviços, fato que também ajuda a entender os bons resultados do

setor. Sobre essas questões, os autores da pesquisa IPECE-IBGE alertam: “A consolidação do processo de reabertura das atividades econômicas ao longo deste primeiro trimestre tem beneficiado mais fortemente o setor de serviços, desfazendo o movimento anterior que se deu na direção dos bens industriais diante do fechamento das atividades terciárias”.

Todavia, independentemente de quais sejam as razões, fato é que, na comparação com os mesmos meses do ano anterior, a manufatura cearense registrou intensos recuos, sobretudo nos dois primeiros meses de 2022, onde em janeiro o recuo foi de -24,9% e em fevereiro -14,72%, obtendo somente em março a primeira taxa positiva no ano, 4,8% (IBGE, 2022). Em termos comparativos, o desempenho cearense foi inferior ao registrado pela região Nordeste (- 3,8%) e pela indústria nacional (- 4,7%), que apresentaram reduções menos intensas. Considerando os demais estados pesquisados, a maioria apresentou taxas negativas para o primeiro trimestre de 2022 na comparação com 2020. Em análise setorial, entre os dez segmentos com taxas negativas, os destaques foram a Confecção de artigos de vestuário (-43,0%) e a Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos (-30,4%) com as maiores reduções (IPECE-IBGE, 2022).

o “Boletim Conjuntura do 3º trimestre de 2022” e ao levantamento do “Farol da Economia Cearense (IPECE, nº 4, 2022)”, ambos disponibilizam informações complementares sobre as variáveis observadas. O Boletim é enfático: “Entre os meses de julho e setembro de 2022, a produção física da Indústria de Transformação no Ceará registrou uma redução de -2,0% na comparação com iguais meses de 2021”. Na outra ponta, ele traz os indicadores do desempenho dos serviços, os quais indicam, conforme dados da Pesquisa Mensal dos Serviços, que os segmentos de serviços empresariais não-financeiros do Ceará registraram uma taxa de crescimento de quase 7% nesse terceiro trimestre de 2022, quando comparado ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na esfera estadual, a situação do Ceará neste trimestre é expressa através, novamente, do crescimento do setor da Agropecuária e Serviços. Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do terceiro trimestre de 2022 com o mesmo período de 2021, os resultados positivos foram verificados nos setores da Agropecuária (13,15%) e Serviços (0,51%), puxado pelas atividades de Alojamento e alimentação (18,65%), outros serviços (9,99%) e Transportes (4,39%). (IPECE-IBGE, 2022, p. 8).

Os dados a seguir, os mais recentes utilizados por essa pesquisa, constam do relatório do PIB cearense de 2022, relativo ao 4º trimestre e ao acumulado no referido ano, divulgado em 20 de março de 2023. De acordo com esse relatório, dentre os três setores que compõem o PIB (Indústria, Serviços e Agropecuária), o melhor resultado no Ceará ficou com a Agropecuária, com crescimento de 7,70% em 2022, enquanto o índice brasileiro foi de -1,7%. Em relação aos Serviços, no compilado do ano de 2022, o relatório informa que o setor apresentou resultado positivo de 1,92%, contra 4,2% no nacional. Em contrapartida, a Indústria cearense amargou queda de -6,28% no ano passado, seguindo a tendência de recuo observada em anos anteriores. O IPECE reforça que ao longo do ano de 2022, o setor de Serviços registrou desempenho positivo em todos os trimestres quando comparados a iguais períodos do ano anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste artigo revela que, na composição dos setores da economia do Ceará, o setor secundário vem perdendo importância econômica devido ao recuo na indústria, enquanto o setor terciário se destaca, impulsionado pelos avanços em diversos segmentos, especialmente Comércio e Serviços. Com base nos dados coletados e analisados, percebemos que o Comércio e o Setor de Serviços estão conquistando cada vez mais espaço, superando a indústria e apresentando melhores indicadores de participação econômica no PIB, no número de pessoal empregado e no número de estabelecimentos.

Della Rosa (2021) destaca que “o setor terciário é um dos setores de suma relevância na cadeia produtiva”, devido ao seu alto potencial de geração de empregos. Como gerador significativo de postos de trabalho, as atividades do setor de serviços têm efeitos sociais diretos na vida das famílias e na economia do país, refletindo situações semelhantes no Ceará.

Em suma, nossas análises indicam que a economia do Ceará é composta majoritariamente pelos setores de Serviços, Indústria e Agropecuária, com uma participação relevante do setor primário, secundário e terciário. O setor terciário, que engloba atividades como comércio, turismo, transporte, educação, saúde e serviços financeiros, não apenas responde pela maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) do estado, mas também é um dos principais geradores de empregos, evidenciando a

importância da economia de serviços no desenvolvimento regional. Além disso, a crescente urbanização e as dinâmicas do turismo na região fortalecem ainda mais o setor terciário, consolidando o Ceará como um polo econômico relevante no Nordeste.

Diante disso, o fomento de políticas públicas destinadas ao apoio aos profissionais do setor terciário deve ser uma prioridade nos planos governamentais em diferentes escalas, do municipal ao estadual. Iniciativas focadas em empreendedorismo, inovação, isenção de impostos para empresas do setor de serviços e parcerias público-privadas podem impulsionar ainda mais esse segmento em ascensão. Além disso, programas de capacitação e educação para trabalhadores são essenciais, especialmente nas áreas de atendimento ao cliente, tecnologia da informação, marketing e gestão. A melhoria da infraestrutura urbana, particularmente em locais com maior atividade do setor terciário, deve ser uma preocupação constante dos gestores públicos. Essas ações não apenas fortalecem o setor e a economia do estado, mas também promovem inclusão social e melhoram a qualidade de vida da população, fomentando transformações socioespaciais significativas.

REFERÊNCIAS

BARATA SALGUEIRO, Teresa; CACHINHO, H. A cidade e o comércio: novas formas de consumo, novas formas de urbanidade. Lisboa: Celta Editora, 2002.

BEZERRA, A. Desenvolvimento econômico e sua relação com a espacialidade. Fortaleza: Editora da UFC, 2018.

BRUM, A. O setor de serviços e suas especificidades. Porto Alegre: AGE, 1998.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, I. E. de. Geografia e economia: uma visão contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DEDECCA, C. Setores econômicos no Brasil e as transformações no trabalho. São Paulo: Annablume, 2005.

DANTAS, E. L. Globalização e indústria: os reflexos econômicos. Recife: Editora Universitária, 1995.

DANTAS, E. L.; SILVA, R. M. Economia e territorialidade. João Pessoa: EdUFPB, 2009.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

DELLA ROSA, S. (2021). A economia do setor terciário e seu impacto no emprego. Edição XYZ.

DIEC-IPECE. (2021). PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda – 2019. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, D. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2006.

IPECE-IBGE. (2021). Indicadores Econômicos do Ceará 2021. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

IPECE-IBGE. (2022). Pesquisa Anual dos Serviços - Ceará 2016 a 2019. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

IPECE-IBGE. (2022). Série IPECE Conjuntura: Boletim da Conjuntura Econômica Cearense. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

IPECE-IBGE. (2022). Boletim Conjuntura do 3º trimestre de 2022. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

IPECE-IBGE. (2023). Relatório do PIB cearense de 2022. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

JUNIOR, L. Estudo do setor têxtil no Nordeste. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2022.

MACHADO, J. C. O setor terciário no contexto urbano. São Paulo: Hucitec, 2005.

MOREIRA, J. Economia dos setores de serviços. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MUNIZ, L. et al. Industrialização e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária, 2022.

MUNIZ, L.; NETO, M.; SOUSA, V. Economia industrial do Nordeste. Fortaleza: Edições IPECE, 2022.

NASCIMENTO, P. Setores econômicos no Brasil. São Paulo: Saraiva, 2007.

- PONTES, L. Análise da desconcentração espacial e setorial da indústria de transformação cearense no período de 1996 a 2019. Fortaleza: IPECE, 2021.
- POCHMANN, M. A economia do setor de serviços no Brasil. São Paulo: Cortez, 2007.
- ROCHA, E.; MONASTIRSKY, M. A relação global-local na economia. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SANTOS, M. O espaço do cidadão. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2008.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SANTOS, M. O espaço dividido. São Paulo: EDUSP, 2013.
- SANTOS, M. et al. Economia urbana e industrialização. São Paulo: Hucitec, 2004.
- SILVA, A. Economia e setor terciário no contexto brasileiro. São Paulo: Editora Atlas, 2005.
- SILVEIRA, A. Transformações econômicas no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SOARES, L. Setor terciário e modernização econômica. Brasília: Editora UnB, 2015.
- TELES, N. (2005). *O impacto social do setor de serviços*. Editora ABC.
- VILLAÇA, F. A cidade e o desenvolvimento econômico. São Paulo: Senac, 2001.